

PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA UNIDADE DE ACOLHIMENTO NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO – RONDÔNIA

*Jéssica Fabrícia Silva Lima*⁹²

*Ana Paula Rodrigues*⁹³

*Marli Lucia Tonatto Zibetti*⁹⁴

RESUMO

As unidades de acolhimento, como instituições destinadas à execução de medidas protetivas com crianças e adolescentes que viveram situações de abandono, violência ou maus tratos no âmbito familiar, são espaços importantes para a atuação de psicólogos e, por isso, foi a instituição escolhida para o desenvolvimento de experiência de prática de ensino. O presente artigo apresenta e discute alguns aspectos relacionados com essa experiência vivida por estudantes de psicologia durante a realização de atividade docente no município de Porto Velho – Rondônia. A unidade escolhida acolhe adolescentes do sexo feminino com idades entre 12 e 18 anos. Os métodos utilizados foram a observação participante, entrevistas informais, registros em caderno de campo e execução de minicurso com o tema “Expressão e comunicação na relação interpessoal por meio da arte”. A prática pedagógica proporcionou novas experiências possibilitando o crescimento intelectual, pessoal e profissional das acadêmicas no sentido de experimentar vivências no contexto social da institucionalização das adolescentes e também presenciar transformações nas educandas, a partir da participação nas atividades.

Palavras-chave: Unidade de acolhimento. Prática pedagógica. Psicologia escolar.

PEDAGOGICAL PRACTICE AT A SHELTER IN PORTO VELHO – RONDÔNIA

ABSTRACT

Shelters are important spaces for the practice of psychologists, considering that these are institutions for the implementation of protective measures for children and teenagers who have experienced situations of abandonment, violence or abuse in the family atmosphere. Therefore, a shelter unit was the institution chosen for the development of the teaching practice experience. This article presents and discusses some aspects of this experience lived by psychology students during those teaching activity in the city of Porto Velho, Rondônia.

⁹² Estudante da Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Rondônia. E-mail: jhessy-raaam@hotmail.com.

⁹³ Estudante da Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Rondônia. E-mail: anap-rodrigues01@hotmail.com.

⁹⁴ Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano. Professora da Graduação e do Mestrado em Psicologia - Universidade Federal de Rondônia. E-mail: marlizibetti@yahoo.com.br.

The shelter unit hosts female teenagers between 12 and 18 years old. The methods used were the participant observation, informal interviews, records in field notebooks and execution of a short course with the theme "Expression and communication in interpersonal relationships through art". The pedagogical practice provided new experiences and allowed an intellectual, personal and professional growth for the psychology students in order to experience the social context in the institutionalization of teenagers, as well as to witness changes in the life of those participating.

Keywords: Shelter. Pedagogical practice. School Psychology.

INTRODUÇÃO

As instituições de acolhimento são responsáveis pelo cumprimento de medidas protetivas às crianças e adolescentes que estão sofrendo violência psicológica e/ou física e, por isso, são realocadas nessas unidades até que o sistema judiciário escolha o seu destino, que pode ser adoção por parentes ou família substituta e, em alguns casos, ocorre a permanência no local até completar a maioridade (FREDERICHI, 2013). Assim, segundo a autora, nos abrigos os grupos são formados por pessoas que enfrentaram situações trágicas nos períodos mais importantes do desenvolvimento humano que são a infância e a adolescência.

O objetivo do artigo é descrever e analisar alguns aspectos vivenciados na execução das atividades pedagógicas desenvolvidas na unidade de acolhimento do município de Porto Velho, também conhecida como abrigo, no período entre o último semestre de 2014 e o primeiro semestre de 2015, no qual foram realizadas observações participantes, entrevistas informais, registros em caderno de campo, preparação e realização de minicurso, cujo tema foi "Expressão e comunicação na relação interpessoal por meio da arte".

O abrigo onde desenvolvemos as atividades acolhe adolescentes do sexo feminino, com idades entre 12 e 18 anos. No local também moram dois bebês que são filhos de duas adolescentes institucionalizadas. O grupo de funcionários que trabalha nessa unidade, cumprindo plantões, é formado por quatro educadoras, duas vigilantes, duas cozinheiras, uma diretora, uma zeladora e um psicólogo.

O relato de experiência foi dividido em três tópicos para facilitar a compreensão dos leitores. O primeiro refere-se a unidade de acolhimento, o segundo descreve o tema e o planejamento do minicurso, o terceiro aborda a prática pedagógica.

Unidade de acolhimento

Medidas de proteção são aplicadas nas instituições de acolhimento que são consideradas moradias alternativas e provisórias para crianças e adolescentes em situações de violência ou maus tratos por parte dos seus responsáveis. A organização desses abrigos deve buscar ao máximo a condição de lar coletivo. Ou seja, o grupo abrigado deve realmente se sentir acolhido, amparado, amado, cuidado, assim é possível ajudá-los na superação das adversidades (ALTOÉ; SILVA; PINHEIRO, 2011; BRITO; SOUZA, 2011; FERREIRA, 2014).

Durante as visitas ao abrigo, tivemos acesso ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição no qual constam os direcionamentos das ações e procedimentos que devem ser adotados com as meninas no momento de seu ingresso no abrigo. Segundo o documento, o acolhimento inicia-se com a apresentação do lugar, acomodação das meninas nos quartos, apresentação dos seus direitos e deveres como moradoras da casa, orientações quanto a frequência à escola e manutenção do espaço físico (três quartos, dois banheiros, uma cozinha/refeitório, área de serviço, sala de estar, área externa e sala da direção). O PPP também determina que a adolescente seja encaminhada a rede de serviço de saúde assim que adentrar na unidade de acolhimento. Afirma que o estabelecimento da relação de confiança e afetividade com as adolescentes acolhidas se concretiza por meio da conquista diária desse vínculo e priorizando-se a liberdade de diálogo com os membros da unidade.

De acordo com Prada, Williams e Weber (2007) é fundamental propiciar um ambiente saudável, com condições ótimas de higiene e alimentação necessárias para o desenvolvimento global adequado das crianças e dos adolescentes. Ou seja, a unidade de acolhimento deve possibilitar fatores protetivos e culturais em suas condições físicas e humanas.

O abrigo, apesar de suas contribuições para o acolhimento desse grupo, ainda precisa de melhorias como propiciar local adequado para leitura das internas, bem como formação continuada para as educadoras que trabalham com esse público que necessita de cuidados especializados.

O número de adolescentes na unidade de acolhimento variou bastante durante a nossa permanência no local devido à alta rotatividade, que é algo frequente nessas instituições. Outro aspecto que é diversificado consiste na identidade de cada adolescente, pois as meninas

são diferentes em suas características biopsicossociais, porém os motivos que as levaram ao local são semelhantes, geralmente algum acontecimento trágico e negativo ocorrido em âmbito familiar. Outro ponto em comum entre as meninas é que todas gostam de atividades lúdicas, principalmente porque no abrigo existem poucas atividades recreativas.

Segundo pesquisa de Silva (2004, p. 59) sobre a caracterização dos locais de acolhimento no Brasil:

[...] a maior parte das crianças e dos adolescentes que vive nos abrigos não são órfãos: 87% dos pesquisados têm família, sendo que 58,2% mantêm vínculo com seus familiares, isto é, embora afastados da convivência, as famílias os visitam periodicamente. Outros 22,7% não mantêm vínculo familiar constante, ou seja, embora conhecida e localizada, a família raramente aparece para visitar o abrigado. Cerca de 5,8% dos pesquisados, embora tenham família, não podem contatá-la em função de impedimento judicial. As crianças e os adolescentes “sem família” ou com “família desaparecida” que vivem nos abrigos pesquisados representam apenas 11,3% do total.

Esse fato também foi observado nas nossas visitas à instituição de acolhimento, pois a maioria das meninas falava sobre seus parentes (tios, avós, irmãos), porém, em alguns casos as adolescentes foram abandonadas pelos familiares. No abrigo em que atuamos foi observada a presença de uma adolescente estrangeira, haitiana, que estava na instituição após ser explorada por uma família brasileira, mas possui familiares em seu país e não falava com os pais há muito tempo.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/90) em seu artigo 94, as entidades que desenvolvem programas de internação têm as seguintes obrigações: garantir os direitos que não tenham sido objeto de restrição na decisão de internação; oferecer atendimento personalizado, em unidade e em grupos reduzidos; preservar a identidade e oferecer ambiente de respeito e dignidade aos adolescentes; diligenciar no sentido do estabelecimento e da preservação dos vínculos familiares; oferecer cuidados médicos, psicológicos, odontológicos e farmacêuticos; propiciar atividades culturais, esportivas e recreativas; propiciar assistência religiosa àqueles que desejarem, de acordo com as suas crenças entre outros deveres.

Brito e Souza (2011) discutem sobre a qualidade de vida dos funcionários que trabalham em unidade de acolhimento e sobre a importância desses serviços. Os autores afirmam que o educador social é o elo entre o acolhido (sujeito principal) e as medidas

protetivas que objetivam a manutenção da saúde física e psicológica de crianças e adolescentes que estão em situações de risco.

Em nossas visitas ao abrigo percebemos que os educadores precisam de mais preparação teórico/prática para atuar efetivamente na promoção de saúde e qualidade de vida para o grupo abrigado bem como para eles mesmos, pois nesse trabalho as demandas emocionais são intensas e atravessam o cotidiano desses sujeitos, constituindo-se, este trabalho em uma demanda significativa para os profissionais da educação e da psicologia.

Apresentação do tema e minicurso

Durante a observação participante realizada no abrigo e conversas informais com as meninas, perguntamos sobre o que elas gostariam que trabalhássemos no minicurso e elas responderam que queriam assuntos relacionados com os temas expressões de sentimentos, jogos, brincadeiras, exercícios para falar em público. A partir dessas sugestões escolhemos trabalhar com a arte, pois por meio dela expressamos a subjetividade com maior naturalidade e facilidade, além de permitir o desenvolvimento de atividades lúdicas.

O minicurso foi executado em cinco dias, com duração de três horas em média a cada visita, totalizando 15 horas. Inicialmente o planejamento foi apresentado para as educadoras em busca da autorização. Em cada dia selecionamos conteúdos (teóricos, imagéticos, sonoros e práticos) sobre os subtemas cinema, origami e kirigami, pintura e gêneros literários. As discussões coletivas referentes aos subtemas foram realizadas no abrigo, mais especificamente na sala de estar e na área externa, com a presença das educadoras e uma vigilante que também participou das atividades.

Entendemos como Joly (2007) que a arte em suas diferentes manifestações, serve como instrumento de comunicação entre as pessoas, mas como produção humana tem como intuito garantir a relação das pessoas com o próprio mundo.

Instrumento de comunicação entre as pessoas, a imagem pode também servir de instrumento de intercessão entre o homem e o próprio mundo. Neste caso, a imagem não é tanto considerada sob o seu aspecto comunicacional mas como produção humana destinada a estabelecer uma relação com o mundo (JOLY, 2007, p. 67).

Segundo Vasques (2009) a arte como expressão psíquica da comunidade e de cada indivíduo existe desde épocas remotas quando os homens utilizavam as pinturas rupestres



como elementos de comunicação. Ainda hoje as interações acontecem através de registros individuais (poesia, e-mail, fotografia, vídeo, pintura, etc.), que pode ser entre o interno (subjetivo) e o externo (mundo e os outros seres). No trecho a seguir, da mesma autora, podemos perceber a importância da arte para a qualidade de vida das pessoas:

A Arteterapia, ao contrário da visão cartesiana, possuindo uma abordagem sistêmica, vem auxiliando muitos profissionais das áreas da saúde e da educação nas tarefas de compreensão e elaboração de alguns conteúdos emocionais presentes em todas as etapas da vida oferecendo subsídios para que os sujeitos desenvolvam, durante o processo, um olhar que permita a adoção de novas posturas de leitura de mundo, dedicando-se à construção de uma existência mais gratificante (VASQUES, 2009, p. 29).

Percebemos que a utilização de métodos lúdicos foi necessária para facilitar a interação social com as adolescentes que sentem mais dificuldades para se expressarem conforme afirmações de Abrão *et al* (2013, p. 411):

O recurso do mediador introduz exatamente esta variante de possibilitar a expressão das emoções para aqueles que não encontram canais disponíveis para isto. Fotografias que contam sua história e de sua família, a construção de sua árvore genealógica, desenhos, e tantos outros recursos podem ser ótimos canais de expressões para se veicular no contato com adolescentes.

O entendimento da importância da ludicidade para facilitar a interação com as adolescentes foi de grande utilidade para a escolha do tema e do conteúdo para o minicurso. A organização dos conteúdos sempre buscou abranger curiosidades, informações diferentes, imagens, vídeos, jogos, etc. Utilizamos esses diferentes recursos para mediar nossa relação com as meninas.

“Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica” (VIGOTSKI, 2001, p. 412). Concordamos com Vygotski sobre a reestruturação do pensamento através da linguagem, tanto oral, quanto escrita, corporal, etc. Foram vários os momentos em que as adolescentes utilizaram as manifestações artísticas (desenhos, poesias, origami e outros) para expressar de maneira organizada suas ideias e sentimentos.

Entendemos a arte também como promotora de saúde mental no sentido que ela possibilita a expressão de vivências traumáticas oportunizando novas significações, como é possível compreender nas palavras de Amendoeira (2008, p.42): “A criação artística pode ser uma atividade terapêutica ao estabelecer uma via de contato do sujeito com suas próprias vivências internas, emoções e pensamentos, e interferir na relação com os outros”.

A conduta lúdica assemelha-se ao “fruir artístico”, pois os dois colaboram com a transcendência das necessidades e preocupações cotidianas, aprimoram sensações e percepções, permitem uma imersão total no presente, aflorando novas experiências. Há evidências que o lúdico é como um veículo privilegiado de educação, revelando a sua importância na prática para o aprendizado de forma geral (MOREIRA; SCHWARTZ, 2009).

Desafios pedagógicos

A prática educativa com adolescentes que vivem na instituição foi repleta de desafios. Houve momentos positivos e negativos da respectiva prática, pois ao mesmo tempo em que as jovens buscam sua autonomia, acabam agindo com certa rebeldia. Lidar com adolescentes em condição de institucionalização requer maior preparação do professor, pois segundo Costa (2001) esse tipo de educando caracteriza-se pela instabilidade emocional, dificuldade para estabelecer relacionamentos significativos, baixa tolerância às frustrações, imediatismo e dificuldades em dirigir a agressividade para algo produtivo.

No primeiro dia no qual trabalhamos com a manifestação artística cinematográfica, propusemos atividades que possibilitaram que as meninas se expressassem por meio dos jogos dramáticos. No primeiro deles, com objetivo de melhorar a sensibilidade de uma para com a outra, a atividade foi proposta em duplas e uma menina devia movimentar a mão e a outra segui-la com o corpo. O segundo jogo objetivou estimular a imaginação das meninas e suas expressões corporais. Em círculo elas deveriam imaginar que uma bola de papel era um pássaro ferido, agindo de acordo com o imaginado.

Durante o desenvolvimento desses jogos dramáticos foi possível observar, em alguns momentos, atitudes de agressividade frente ao segundo jogo, mas também atitudes pacientes e carinhosas se mostraram em maior proporção.

Leal e Facci (2014, p. 24), a partir das contribuições de Vygotski, apontam a adolescência como período de transição em que ocorrem crises no desenvolvimento, inicialmente imperceptíveis, que ao tornar-se mais agudas passam a ser visíveis.

Esses períodos críticos são provocados pela lógica interna do desenvolvimento, provocando a necessidade de uma viragem, um redirecionamento do desenvolvimento. O que distingue a idade crítica é a perda de interesse, novas aspirações, novas formas de atividade ou de vida interior. Nesse momento de viragem, as relações com as pessoas e mesmo sua vida interior se esvaziam,

mudando o significado positivo e criador que estava tendo, o que pode originar alguns conflitos, com os outros e consigo mesmo.

Ainda segundo as autoras é importante considerar o contexto e as condições em que vivem esses adolescentes, pois estes elementos contribuem para a constituição de relações que estimulam ou dificultam a elaboração de novas formas de compreensão do mundo. O processo de escolarização desenvolve papel fundamental na ampliação das capacidades de crianças e jovens, mas não qualquer processo de ensino e sim aquele orientado para a apropriação de conhecimentos sistemáticos que exijam formas mais elaboradas de apropriação.

Segundo Carrano e Dayrell (2013), não existe uma única noção de juventude, pois o jovem está em constante construção de sua identidade, cada componente desse grupo vai experimentar a juventude de uma forma singular e conseqüentemente vai expressar a sua interpretação de mundo. Para esses autores é essencial conhecer as variadas expressões e representações produzidas por esse grupo heterogêneo e em constante mudança. Outro ponto relevante discutido por esses autores é que os jovens na nossa sociedade são analisados a partir de valores opostos: negativos e positivos. No primeiro caso ocorre quando pensamos o jovem como bandido, delinquente, sem valor social e sem juízo. No segundo, quando valorizamos alguns aspectos considerados como atributos da juventude tais como energia, estética e coragem para arriscar mais.

Estes valores atravessam as relações entre jovens e adultos, gerando discordâncias e disputas e, muitas vezes, distanciando gerações. As possibilidades de superação desses impasses residem no diálogo e no esforço conjunto de reconhecimento e respeito às diferenças que caracterizam as histórias de vida de cada grupo geracional.

No segundo dia foi trabalhada a arte de origami. Após apresentarmos um pouco a origem e a história dessa arte, as atividades práticas foram desenvolvidas e neste momento enfrentamos algumas dificuldades devido à impaciência das jovens e a falta de sincronia entre o grupo. Durante a oficina de origamis, na qual ensinávamos a elas passo a passo a prática de dobraduras para a formação de figuras (corações, cachorro, espada), foi possível observar suas frustrações frente à necessidade de esperar a colega ou a nossa atenção para darmos o auxílio que precisavam.

O objetivo da prática com origamis consistia em ensiná-las por meio da arte a conseguirem expressar seus sentimentos e/ou por meio dela distraírem-se e se sentirem

melhor com algumas atividades novas. Ueno (2003. p.25/26) explica como o origami pode ser utilizado na educação:

O origami é uma arte muito prática, pois pode ser realizável a qualquer hora, em qualquer lugar e por qualquer pessoa, necessitando apenas de um pedaço de papel. [...] ao fazer um origami, as crianças conhecem a alegria de criar algo com as próprias mãos, aguçando a criatividade, sensibilidade, inteligência, imaginação, concentração, organização e coordenação motora em uma atividade totalmente lúdica.

O origami é uma expressão artística que trabalha muitas áreas cognitivas importantes do ser humano como a concepção de figuras geométricas, o entendimento das dobraduras como figuras tridimensionais e também funciona como meio terapêutico. “Na medida em que começou a ser produzido em larga escala, as artes de papel são aplicadas nas mais diversas áreas, como na educação, na terapia e na indústria” (UENO, 2003, p. 10).

Após discussões com a orientadora e com os colegas e reflexões sobre a forma como conduzimos a prática, a solução encontrada para superar a pouca paciência das meninas no momento das atividades com os origamis foi o diálogo com o grupo para entender o que havia sido positivo nas duas primeiras aulas e o que havia atrapalhado as atividades. Dessa forma, foi possível dialogar sobre a necessidade de criar regras coletivas para facilitar a convivência em grupo e conseqüentemente melhorar o processo pedagógico, possibilitando novas formas de relações sociais entre elas.

Buscamos as orientações do educador Antonio Gomes da Costa para iluminar nossas reflexões sobre a prática pedagógica. Nesta frase, é possível perceber como é valioso o conhecimento desse autor:

Assim, o que nos parece importante no caso é que as relações educador-educando sejam compreendidas no plano dos direitos e deveres de cada um, definindo os espaços e os limites do poder dos diversos atores em cena no processo pedagógico. Enquanto se continuar reduzindo as relações educador-educando ao plano da criação de oásis pedagógicos (paraísos artificiais da educação), nos quais o relacionamento pretensamente horizontal é sustentado apenas nas “habilidades interpessoais” do educador, estaremos contribuindo para que o direito do educando continue a depender da formação, personalidade, intenções e estado de espírito do educador sem expressar-se por meio de normas objetivas e claras (COSTA, 2001, p. 64)

Neste sentido, as contribuições de Paulo Freire, também utilizadas por Costa em sua experiência pedagógica apontam como “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma

exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 1996, p. 12).

Objetivávamos também, com o trabalho pedagógico, trazer conhecimentos que dialogassem com o que as meninas sabiam, mas que também pudessem ser aprimorados e aperfeiçoados cada vez mais por elas. Por isso, trazíamos informações teóricas de forma dialogada, utilizando diferentes fontes de informação.

No terceiro encontro foram realizadas as atividades de pintura, as quais foram organizadas para que todas as meninas escolhessem entre fazer desenhos livres ou pintarem como preferissem dois desenhos que levamos. Desenhos relacionados a temas que havíamos trabalhado anteriormente, Charlie Chaplin - grande nome da história do cinema e uma Gueixa - figura presente na cultura japonesa, relacionada com a tradição do origami. Também estimulamos o uso livre da tinta e do desenho, inspiradas nas obras de artes que havíamos mostrado quando discutimos teoricamente a história da arte.

A maioria dos desenhos feitos por elas eram compostos por imagens agradáveis como corações, flores, paisagens com por do sol, lagos e casas com jardins, estrelas, palavras divinas e nomes de pessoas, familiares e namorados. Tivemos também alguns desenhos que representavam algo mais abstrato, como borrões e manchas com cores diversas. As pinturas em geral foram bastante criativas, elas buscavam inovar o desenho com técnicas que levamos, o que consideramos como aspectos positivos do trabalho desenvolvido.

Concordamos com Freire quando afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 21). Assim para que as adolescentes tivessem o contato individual e coletivo com a arte da pintura foi preciso desenhar, explorar a beleza de outras obras de artes e conhecer as técnicas dos principais representantes de cada movimento artístico.

No último encontro da atividade educativa, confeccionamos junto com as adolescentes um mural destinado a ser um espaço para a livre expressão das meninas. No mesmo dia o mural foi completado com diversos desenhos, poesias, frases e combinações de origamis com pinturas que valorizavam o feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica em uma unidade de acolhimento nos possibilitou grandes aprendizagens sobre a docência e abriu caminhos para novos conhecimentos por meio de trocas e relações com as educandas e demais atores desse contexto institucional.

As experiências vivenciadas na unidade de acolhimento e nas relações com as adolescentes em situação de proteção foram de grande relevância também para a nossa formação como futuras psicólogas, pois ao conhecer esse contexto social percebemos fatos e situações positivas e negativas presentes no cotidiano desse ambiente. Procuramos adentrar esse contexto específico em busca dessas vivências para nosso crescimento acadêmico, pessoal e profissional.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito às possibilidades de aprendizagem que o trabalho com arte possibilitou às adolescentes. Foi possível constatar como a arte, enquanto mediadora das relações, criou espaços para trocas de saberes, para o diálogo entre nós e as participantes, além da oportunidade de socialização de conhecimentos que são patrimônio da humanidade, como a história do cinema, da pintura, da literatura e da arte em papel.

Permitir que as adolescentes expressassem sentimentos utilizando-se das diferentes manifestações artísticas trouxe para o grupo, outras formas de comunicação, mais lúdicas, mais alegres, mais duradouras e simbólicas.

Entretanto, a contribuição mais significativa talvez tenha emergido da necessidade de trabalhar em grupo. O trabalho coletivo exige discussão, elaboração e respeito a regras de convivência, o que permitiu às adolescentes a percepção de que essas foram condições necessárias para o desenvolvimento das atividades. Conforme defende Vygotski (2000) a vivência externa dessas regras contribui para a internalização de formas de comportamento que orientarão o progressivo domínio da conduta por parte dessas jovens, elemento fundamental no desenvolvimento das funções psíquicas superiores.

A inserção como estagiárias na unidade de acolhimento também nos permitiu identificar demandas importantes para a atuação da psicologia no campo das políticas sociais, tanto no atendimento das necessidades das meninas, quanto dos profissionais que trabalham nessas unidades.

E, ao finalizar este relato podemos afirmar, sem dúvida, que aprendemos muito enquanto ensinamos e entendemos que este é o verdadeiro sentido da docência.

Recebido em: Abril de 2016

Aceito em: Junho de 2016

REFERÊNCIAS

ABRÃO, J. L. F. et al. O jogo como mediador na entrevista – um novo lugar no processo psicoterápico com adolescentes. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, p. 405-425, 2013.

ALTOÉ, S.; SILVA, M; PINHEIRO, B.S. A inconstância dos laços afetivos na vida das crianças e adolescentes abrigados. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, p. 01- 14, jun. 2011.

AMENDOEIRA, M. C. R. O trabalho da arte e construção da subjetividade no feminino. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v.42, n. 4, p. 41-54, 2008.

BRASIL. **Lei 8069 de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.html Acesso em: 10 out. 2014.

BRITO, C. V; SOUZA, J. C. Qualidade de vida dos educadores sociais em abrigos de proteção às crianças e adolescentes. S/l. **Psicologia: Teoria e Prática**. p. 89 -100, 2011.

CARRANO, P. DAYRELL, J. (Org.) **O jovem como sujeito do ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2013. (Caderno II) Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pacto_nacional_em/caderno2.pdf Acesso em: 02 out. 2014.

COSTA, A. C. G. **Aventura Pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa**. 2 ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001.

FERREIRA, F. P. M. Crianças e adolescente em abrigo: uma regionalização para Minas Gerais. **Serv. Soc. Soc.** São Paulo, n. 117, p. 124-168, jan./mar. 2014.

FREDERICHI, K. R. B. **Aspectos subjetivos de adolescentes do sexo feminino que vivem em um abrigo de Rondônia**. 2013. 118f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <http://www2.uesb.br/pedh/wp-content/uploads/2014/02/Pedagogia-da-Autonomia.pdf> Acesso em: 22 de maio 2015.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem** (1994). Lisboa: Edição 70, 2007. p. 176. Disponível em: <https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>. Acesso em: 22 de maio/2015.

LEAL, Z. F. de R. G.; FACCI, M. G. D. Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da Psicologia Histórico-Cultural. In. LEAL, Z. F. de R. G.; FACCI, M. G. D.; SOUZA,

M. P. R. de. (Org.) **Adolescência em foco**: contribuições para a psicologia e para a educação. Maringá: EDUEM, 2014. p. 15-44.

MOREIRA J. C; SCHWARTZ, G. M. Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal. **Educar**, Curitiba, n. 33, p. 205-220, 2009.

PRADA, C. G.; WILLIAMS, L. C. A.; WEBER, L. N. D. Abrigo para crianças vítimas de violência doméstica: funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. **Psicologia: teoria e prática**, São Carlos-SP, p. 14-25, 2007.

SILVA, E. R. A. **O direito à convivência familiar e comunitária**: os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. *Brasília*: IPEA/ONADA, p. 17-413, 2004. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/ipea/direito_a_conviv_familiar_ipea_2004.pdf. Acesso em: 15 de jul/2015.

UENO, T. R. **Do origami tradicional ao origami arquitetônico**: uma trajetória histórica e técnica do artesanato oriental em papel e suas aplicações no design contemporâneo. 2003. 103 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

VASQUES, M. C. P. C. F. **A arteterapia como instrumento de promoção humana na saúde mental**. 2009. 87f. Dissertação (Mestrado em Medicina). Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III**. Madrid: Visor, 2000.